

Dos povos que encontrei nos “sopés da Serra do Espinhaço”

Of the People I met in the “foothills of the Serra do Espinhaço”

De las personas que conocí en las "estribaciones de la Serra do Espinhaço"

Angélica de Santana Rocha ¹

Ana Maria Nogueira Rezende ²

Resumo: O texto apresentado traz, primeiramente, uma revisão de literatura, identificando os Povos Caatingueiros localizados nas bases da Serra do Espinhaço e também presentes na obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, a qual contextualiza a história dos moradores da região com o bioma Caatinga. Assim, vem ressaltar a necessidade dos esforços para preservação do patrimônio natural e, recentemente, o desejo de preservar o patrimônio histórico-cultural, ao mesmo tempo em que abre as portas de seu território em busca de ampliar o desenvolvimento socioeconômico da região. O intento de ampliação da abertura para o turismo e preservação das memórias materializa-se por meio de um projeto local, em fase inicial de execução, denominado de “Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG”, desdobrando fatos do passado, do presente e apontando perspectivas para o futuro dos povos que encontrei nos “sopés da Serra do Espinhaço” (expressão de Cunha, 2010, P.119). Embora o texto se apresente com dupla autoria, cada autora pode falar por si em sua escrita, através do título apresentado no singular, e transpor para o papel a sua experiência de encontro e acolhimento pelos Povos Caatingueiros, com a interpretação tecida a partir de cada campo de estudo: Ciências Sociais e História.
Palavras-chave: Caatinga, Ecomuseu, Povos Tradicionais, Desenvolvimento Sustentável

Abstract: The text presented brings, firstly, a literature review identifying the Caatingueiros Peoples located at the bases of the Serra do Espinhaço, these also present in the work *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, and which contextualizes the history of the residents of the region with the Caatinga biome. And, it highlights the need for efforts to preserve the natural heritage and, recently, the desire to preserve the historical-cultural heritage while opening the doors of its territory in search of expanding the socioeconomic development of the region. The intention to expand the opening for tourism and preservation of memories is materialized through a

¹ Universidade Estadual de Montes Claros - MG/ ITCP. E-mail: angrocha32@gmail.com

² Mestra e Doutoranda em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável- Escola de Arquitetura/UFGM. E-mail: anamariarezende@ufmg.br



local project, in the initial phase of execution, called "Ecomuseum of the Caatingueiros Peoples in Gameleiras/MG", unfolding facts of the past, of the present and pointing out perspectives for the future of the peoples I met in the "foothills of the Serra do Espinhaço" (Cunha's expression, 2010, p.119). Although the text is presented with double authorship, each author can speak for herself in her writing, through the title presented in the singular, and transpose to paper her experience of encounter and welcome by the Caatingueiro Peoples and the interpretation woven from each field of study: Social Sciences and History.

Keywords: Caatinga, Ecomuseum, Traditional Peoples, Sustainable Development

Resumen: El texto presentado, en primer lugar, trae una revisión de la literatura que identifica a los Pueblos Caatingueiros ubicados en las bases de la Serra do Espinhaço, estos también presentes en la obra Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, y que contextualiza la historia de los residentes de la región con el bioma Caatinga. Y, destaca la necesidad de esfuerzos para preservar el patrimonio natural y, recientemente, el deseo de preservar el patrimonio histórico-cultural al tiempo que abre las puertas de su territorio en busca de expandir el desarrollo socioeconómico de la región. La intención de ampliar la apertura para el turismo y la preservación de las memorias se materializa a través de un proyecto local, en la fase inicial de ejecución, llamado "Ecomuseo de los Pueblos Caatingueiros en Gameleiras/MG", desplegando hechos del pasado, del presente y señalando perspectivas para el futuro de los pueblos que conocí en las "estribaciones de la Serra do Espinhaço" (expresión de Cunha, 2010, p.119). Aunque el texto se presenta con doble autoría, cada autora puede hablar por sí misma en su escrito, a través del título presentado en singular, y trasladar al papel su experiencia de encuentro y acogida por parte de los Pueblos Caatingueiro y la interpretación tejida desde cada campo de estudio: Ciencias Sociales e Historia.

Palabras-clave: Caatinga, Ecomuseo, Pueblos Tradicionales, Desarrollo Sostenible

Introdução

“A serra que divide e une as pessoas, propõe que sejamos todos serranos, mas os saberes e fazeres do lado de cá diferem dos saberes e fazeres do lado de lá. Se de cá, convidamos pessoas para comer um arroz, de lá, nos convidam para comer um feijão. Toda cidade tem a sua história; toda cidade é, portanto, uma cidade histórica. E sua história contada, preservada, torna-se patrimônio cultural.” (Baleeiro, 2023, palestra proferida em Gameleiras/MG).

Entre os dias 31/01 e 02/02/2023 ocorreu, no município de Gameleiras/MG, por iniciativa das lideranças locais, o curso “Patrimônio Cultural de Gameleiras - Rotas Viáveis”, ministrado pela historiadora Ana Maria Nogueira Rezende, com o objetivo de apresentar as vias sustentáveis para preservar a história e a memória local. Para isso, houve o fomento das ideias acerca do patrimônio cultural local - tanto material (objetos utilizados pelos antepassados para a reprodução da vida cotidiana) como o imaterial (os saberes, fazeres e memórias), que se mostraram alinhados no município de Gameleiras e nos circunvizinhos. Assim, no primeiro dia, para maior interação entre os bens materiais e os saberes, os fazeres, a memória e a história, o professor Zaurindo Baleeiro, apresentou aos participantes do curso a formação historiográfica de Gameleiras. Alinhou a história de Gameleiras com o seu entorno, mostrando como a geografia, a economia, a arquitetura e a identidade estão no dia a dia social, conferindo o

pertencimento da população local e regional. Dessa forma, o professor ressaltou que na geografia e no meio ambiente ficam impressos como os moradores vivem e contam suas experiências cotidianas. Gameleiras fica nos “sopés da Serra do Espinhaço”, na base da Serra Geral, onde os povos caatingueiros possuem hábitos diferentes, estando de um lado ou do outro da serra, como proferiu o professor Zaurindo Baleeiro.

Durante o andamento do curso, dentro das perspectivas e percepções apresentadas, os participantes intencionaram aumentar a visibilidade sobre os potenciais turísticos da região, como também se preocuparam em construir um espaço voltado para o fomento do turismo dos povos caatingueiros, para a comercialização do artesanato local, das comidas típicas e, juntamente, mostrar os bens do patrimônio cultural material, de forma sustentável. No terceiro e último dia, o curso foi voltado para a elaboração do projeto norteador, que contemplou o duplo propósito: preservação cultural e ampliação do desenvolvimento socioeconômico no âmbito regional. Inicialmente, pensava-se na construção de um Centro Cultural para esses propósitos em Gameleiras. Todavia, a partir do diálogo e das exposições das ideias em conjunto com o grupo participante caminhou--se para a criação do projeto de um Ecomuseu denominado de: “Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG”. Assim, a proposta inicial foi ampliada, do local para o regional, inserindo as cidades vizinhas que estão presentes também no Parque Estadual Caminho dos Gerais e no Quilombo do Gorutuba. Portanto, é um produto alinhado com a trajetória regional, com estudos interdisciplinares entre a teoria e a prática, com o envolvimento da história de cada participante, que constitui as vivências cotidianas desses povos, representados na experiência de encontro (campo antropológico) e com a história construída pelos povos caatingueiros (campo histórico, cultural e patrimonial). Logo, refletindo sucintamente sobre a contribuição dos saberes diversos, somados neste momento inicial para mostrar a possibilidade real da construção do espaço para a preservação do patrimônio histórico-cultural, dos saberes dos povos tradicionais, percebe-se também o desenvolvimento socioeconômico sustentável por meio do turismo, de forma que se mantenha preservado o seu patrimônio ecológico – fauna e flora do bioma Caatinga.

Nos “sopés da Serra do Espinhaço”, na base da Serra Geral - o encontro do local e o regional na criação do Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras-MG

A participação no curso, em Gameleiras-MG, durante três dias, possibilitou o (re) conhecimento da região, com os relatos de existência e resistência dos povos caatingueiros,

desde os seus primórdios. As investidas desenvolvimentistas, iniciadas em 1978, pregavam o plantio das florestas de eucalipto e pinus para o crescimento da região da Caatinga, juntamente aos moradores locais. Porém, com o avanço das plantações de eucaliptos, houve o comprometimento das reservas hídricas, que levou à escassez da produção de arroz - exercida amplamente pelos moradores, representando a cultura tradicional e a economia - demasiadamente importantes para o crescimento local. Foi precisa a mobilização comunitária, ocorrida pela falta de água e os desarranjos sociais e econômicos levados pela falsa promessa de desenvolvimento propostos, para que houvesse a reivindicação de uma área territorial para a sua transformação em uma unidade de conservação – o Parque Estadual Caminho dos Gerais - criado oficialmente no ano de 2007.

O trabalho foi árduo e demorado, cuidando das áreas que ainda conservavam o bioma Caatinga, plantio das árvores nativas da região e o reflorestamento nas proximidades das nascentes. Entretanto, atualmente, as lideranças locais, como todos os moradores, relatam com emoção a recuperação do nível das águas, e, com isso, a restauração da fauna, da flora e do solo na região. Um resultado plausível da preservação do Parque Estadual Caminho dos Gerais foi a recente descoberta de uma nova espécie botânica, denominada *Chionanthus monteazulensis* Zavatin & Lombardi (espécie de fruto da família *oleaceae*), encontrada no município de Monte Azul, pertencente à cadeia da Serra do Espinhaço, na base da Serra Geral e também do parque. A planta, um tipo de arbusto, recebeu o seu nome científico, seguido da homenagem ao lugar e aos pesquisadores que identificaram a espécie. Logo, a região onde foi encontrada merece resguardo, já que as áreas na Serra do Espinhaço, nos limites do parque sofrem com especulação mineratória e instalação de energia eólica (Zavatin; Almeida; Ramos; Lombardi, 2023).

Assim, dentro dessas novas perspectivas ocasionadas pela preservação que vem ocorrendo e a sua recuperação hídrica, levam a população local a sonhar com novas possibilidades agrícolas sustentáveis, sendo possível até mesmo o resgate da tradição do cultivo de arroz em Gameleiras - tão importante em outros tempos (Baleeiro, 2023).

Dessa forma, unindo o conhecimento apresentado no curso com as idealizações dos moradores locais, outras possibilidades se mostraram viáveis para a manutenção da tradição do cultivo de arroz, com as demais histórias presentes na oralidade memorialística regional, os quais se refletem na cultura material e imaterial. Assim, as proposições acerca das linguagens e funcionamento de um Ecomuseu tomaram forma para o grupo cursista. Houve o entendimento de que toda a comunidade dos povos caatingueiros residentes na encosta, ou seja, nos sopés da

Serra Geral, prolongamento nas bases da Serra do Espinhaço, podem constituir um modelo diferenciado de museu, em que o ambiente como um todo e a população que nele reside, com suas vivências atuais, as memórias dos antepassados, formam a herança e o legado cultural perpetuado em um espaço: um museu vivo, dinâmico, atento à preservação como também às mudanças que a própria realidade histórica invariavelmente coloca nas tessituras cotidianas (Cunha, 2010; Rezende, 2023; Riviére, 1992).

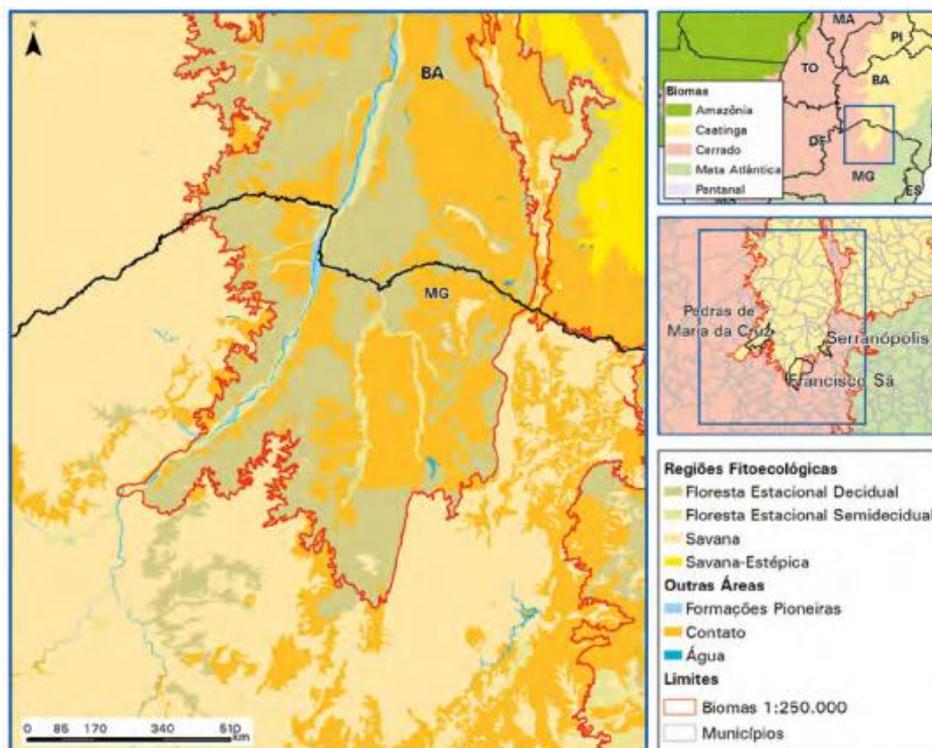
O espaço físico que representa esse modelo de museu e sua coleção material, portanto, não é a figura principal de representatividade dessa linguagem museológica. Na verdade, o espaço físico e toda a sua composição faz repercutir a amplitude filosófica que abarca: ambiente, povos, relações, significantes, significados, memórias e heranças dos antepassados e proporciona uma imersão cultural vívida das pessoas (povos visitantes) no contexto do outro (alteridade), envolvendo-se e cooperando com o ideal de preservar não apenas objetos significativos, mas toda uma gama de elementos que holisticamente compõem sua identidade, sua singularidade.

Sim, “o Sertão é do tamanho do mundo” e a Caatinga do Norte Mineiro se faz presente na singularidade histórica

No período ‘das águas’ o verde toma conta da vegetação. No período ‘das secas’ todas as árvores perdem a folhagem e uma aparência acinzentada toma conta da paisagem. Assim se caracteriza a Caatinga, como define a etimologia da palavra. Caatinga, de origem indígena, da nação Tupi e significa Floresta Branca (Caa = mata; tinga = branca), dando nome a um dos mais importantes, quiçá, o bioma mais brasileiro de todos (Sena, 2011, p.13).

João Guimarães Rosa, ao escrever o livro *Grande Sertão Veredas*, em 1956, afirmou que “o sertão é do tamanho do mundo” (Rosa, 1994, p. 96). Nota-se que o autor tem razão. E mais, a Caatinga representa o único bioma exclusivamente brasileiro, cujo patrimônio biológico não se repete em nenhuma outra localidade do globo terrestre (Sena, 2011, p.13), sendo que 3,8% se encontra no Norte de Minas Gerais (IBGE, 2019). A Caatinga em solo mineiro compreende os municípios de Gameleiras, Mamonas, Espinosa, Monte Azul, Mato Verde, Catuti, Porteirinha, Janaúba, Pai Pedro, Jaíba, Serranópolis de Minas, Verdelândia, Varzelândia, Patis, Matias Cardoso, Januária, Pedras de Maria da Cruz, São João das Missões, Manga, Juvenília, Miravânia, Montalvânia, São Francisco, Japonvar, São João da Ponte, Montes Claros e Cônego Marinho, compondo a totalidade do território de alguns desses municípios, ou partes em outros (Idesisema, 2018). A seguir, são apresentados os mapas

elaborados pelo IBGE (2019), com delimitação do bioma Caatinga, no estado de Minas Gerais com a Bahia.



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Banco de Dados de Informações Ambientais - BDi (IBGE,2019, P.37).

A colonização da área, na base da Serra do Espinhaço, aconteceu a partir da chegada de migrantes portugueses e italianos, que se dedicaram à agricultura familiar (Cunha, 2010) e originaram os grupos que hoje se denominam Povos Caatingueiros. Os Povos Caatingueiros estão listados entre os vinte e sete (27) Povos e Comunidades Tradicionais - PCT's do Brasil (França, 2022).

Antropologicamente, o termo Caatingueiro pode ser analisado a partir do conceito de etnicidade ecológica (Cunha, 2010), expressão que diz da ligação identitária dos grupos ao seu ambiente natural, com o qual tecem as vivências cotidianas, criam significados e símbolos a partir do contato com os elementos específicos do meio. A etnoecologia se incumbe de conhecer e compreender o saber acumulado pelas populações sobre o ambiente natural em que vivem, as formas de manejo dos recursos naturais e seus usos (THE, 2010), a partir da abertura cada vez maior da região serrana para as experiências, as trocas turísticas, os conhecimentos e as práticas rurais dos povos catingueiros, residentes na base da Serra do Espinhaço, que socialmente

afirmam a identidade local e regional, idealizada no projeto do Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG (SEBRAE, 2010).

Logo, a região vem galgando, por meio de atividades que envolvem o turismo e a sustentabilidade, a legitimidade da Caatinga e sua gente, enquanto difusora dos saberes e fazeres, das artes e dos artesanatos. Um bom exemplo está nas ações previstas no Plano de Desenvolvimento Econômico de Monte Azul-MG, que ressalta veementemente a expressão “Povos Caatingueiros”, fazendo dela a frase bordada atualmente pelo Grupo de Artesãos de Monte Azul – GAMOA. As bordadeiras se reúnem para a confecção de diversos artigos tradicionais e entre eles, o bernal (sacola de pano, com alças nas laterais, utilizada para carregar alimentos, ferramentas, entre outras necessidades). A seguir, a imagem mostra uma das versões do Bernal Tremedal, produto que representa a identidade cultural de Monte Azul e nele é bordado: “Povo Caatingueiro que vive com leveza”.



Figura 01: Bernal Tremedal, produto de identidade cultural de Monte Azul/MG Fonte: Arquivo pessoal

Observa-se que o povo caatingueiro tem a necessidade desse reconhecimento, de sua presença notada além dos “geraizeiros”, como são chamados os moradores de uma vasta porção geográfica do Norte de Minas, e ainda, socialmente, generalizada sob o termo ‘Sertanejos’ ou ‘Norte Mineiros’. Por isso se faz pertinente mostrar a singularidade identitária, em um ambiente formado por identidades múltiplas (Lopes, 2016; Costa, 2017). Faz lembrar Guimarães Rosa,

no livro *Grande Sertão Veredas*, referenciando que “o sertão está por toda parte” (1994, p.13), e, logo, ao descrever o lugar, as paisagens narradas por seu personagem, Riobaldo, que mostra a geografia do ambiente presente na Caatinga e suas vivências históricas:

Ao viável, eu tinha de atravessar as tantas terras e municípios, jogamos uma viagem por este norte, meia geral. Assim conheço as províncias do estado, não há onde eu não tenha aparecido. A que viemos: por Extrema de Santa Maria - Barreiro Claro - Cabeça de Nego - Córrego Pedra do Gervásio - Acari - Vieira - e Fundo - buscando jeito de encostar no de São Francisco. Novidade não houve. Passamos numa barca. Só sempre bater para o nascente, diretamente em cima de Tremedal, chamada hoje Monte-Azul (Rosa, 1994, p. 82).

(...) O Brejo dos Mártires, a cachoeirinha Roxa, o Mocó, a Fazenda Riacho-Abaixo, a Santa Polônia, a Lagoa da Jabuticaba. E, daí por alguns atalhos: o Córrego Assombrado, o Sassapo, o Poço d’Anjo, o Barreiro do Muquém. Nesse meu, caminho fazendo, tirei minha desforra: faceirei. Severgonhei. Estive com o melhor de mulheres. Na Malhada comprei roupas. O vau do mundo é a alegria! (Rosa, 1994, p. 430)

Brejo dos Mártires, citado por Rosa (1994, p. 430) é distrito do município de Gameleiras e figurou como berço da trajetória dos povos caatingueiros na região serrana. Conta-se que no ano de 1700, quando caçadores e comerciantes de ouro entre Minas e Bahia (Baleeiro, 2006) navegavam pelo rio São Francisco, encontrando-se com o Rio Verde. Ambiciosos por encontrar esmeraldas devido a cor verde do rio, decidiram acampar. O local inicialmente escolhido não era fértil para a produção de arroz e cana de açúcar. Então se estabeleceram na encosta - sopé da Serra - e formaram o brejo com seus cultivos, irrigando-os através de canais que puxavam do rio (regos) para poças de água represadas nos arredores das plantações (açudes). Reza a tradição oral local que, devido ao sobrenome dos ocupantes (Mártires), o local ficou conhecido como Brejo dos Mártires (Baleeiro, 2006). Assim, o bioma da caatinga representa o sertão e sua gente dentro das narrativas vividas e imaginadas por João Guimarães Rosa.

Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG - identidade, memória e pertencimento

O Ecomuseu, pretensão de Gameleiras/MG para preservação do patrimônio histórico-cultural dos povos caatingueiros, teve sua ideia originada na França, na década de 1970, em um contexto para a promoção da ressignificação, tanto da museologia como no empoderamento de uma comunidade na tomada de decisões em relação ao território ao qual pertencia (BURLON, 2015).

Burlon (2015) apresentou a história da primeira experiência francesa que adotou o termo Ecomuseu para a sua definição, o *Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines*, “criado em 1974, em uma comuna da Borgonha, na França” (BURLON, 2015, p.268). O contexto era de

retomada, pela comunidade, do território que há quatro gerações havia sofrido a influência política e paternalista de uma única família, mas que, após a falência de seus empreendimentos, deixou a região (BURLON, 2015). Esse fato levou os museólogos a se mobilizarem para preservar o patrimônio histórico e as memórias locais, construídas a partir da vivência da comunidade no entorno do empreendimento e da influência daquela família, mas de forma que as pessoas, seus relatos, suas memórias e suas narrativas tivessem mais significado que as coleções materiais que pretendiam expor. Portanto, não se trataria de um museu convencional (RIVIÉRE, 1992; BURLON, 2015). Assim, a “originalidade do projeto estaria justamente na união, até então inusitada, da arte, da história e da etnologia em um só discurso museal” (BURLON, 2015, p. 270). Nesse contexto, em que o protagonismo estava voltado para as pessoas que compunham a comunidade, não seriam os especialistas quem determinariam as coleções materiais a serem expostas e a linguagem do espaço que representaria o Ecomuseu, mas sim, as pessoas, que formavam os moradores locais, que contariam o que tinha significado para elas e por que deveria ser preservado. Nesse caso, “o patrimônio, assim, começava com uma pergunta e não com um acervo ou coleção pré-constituída por valores de outros, de outro tempo, ou de outras pessoas” (BURLON, 2015, p. 276).

O patrimônio cultural a ser resguardado partia das dúvidas, perguntas do presente para o passado e apontando para o futuro que se configuraria. Assim, o Ecomuseu tem o intuito de preservar os lugares de memórias, baseado em fontes interdisciplinares do conhecimento e sua interação com o ambiente natural, urbano, humano e econômico em uma mesma paisagem, no caso, a região de Gameleiras, seus municípios circunvizinhos que se desenvolveram nos “sopés do Espinhaço” (RIVIÉRE, 1992; REZENDE, 2023; NORA, 1993; RIBEIRO, 2007).

No Brasil, a implantação de Ecomuseus se intensifica, principalmente, a partir da década de 1980, fato que pode ser visto como um marco da redemocratização do país. E, como afirmou Santos (2017), na experiência brasileira, o movimento internacional voltado para essa nova museologia - especificamente mostrando a função social dos museus. Logo, a citação abaixo exemplifica o envolvimento das diversas instituições pertencentes ao território, ao lugar, apontando as experiências brasileiras de ecomuseu, evidenciando o caráter coletivo das iniciativas, inspirando a leitura de que há necessidade da participação ativa e real das comunidades locais e regionais, como também das instituições públicas e do poder político, para que os objetivos intrínsecos sejam alcançados:

Em 1982 é iniciado o Projeto São Cristóvão Cultural, um ecomuseu de bairro denominado Ecomuseu Integrado de São Cristóvão, que foi implantado pela ONG Mouseion, em parceria com o Museu do Primeiro Reinado e apoio do Comitê Brasileiro do Icom. O projeto reuniu diversas instituições do bairro São Cristóvão (Rio de Janeiro/RJ), um dos mais antigos da cidade: Museus, o Observatório Astronômico, o Instituto de Investigação científica, o Jardim Zoológico, o mercado, grandes feiras, escolas de samba, igrejas, associações de moradores, indústrias, comércios etc. O grupo de pesquisa e animação do projeto foi composto por um representante de cada instituição e realizou calendários de atividades culturais nos diversos espaços, nas quais a comunidade inteira foi convidada a participar e gradativamente transformaram-se em articuladores do projeto (SANTOS, 2017, p. 173).

Dessa maneira, fazendo uso da pesquisa realizada por Santos (2017), identifica-se as diversas experiências brasileiras denominadas como Ecomuseus, por ano de suas criações, cidade e estado em que se desenvolveram, bem como áreas de abrangência (comunidade[s] de atuação):

Ano de criação	Denominação	Cidade	UF	Comunidade de atuação
1971	Ecomuseu do Ribeirão da Ilha	Florianópolis	SC	Ribeirão da Ilha (distrito)
1982	Ecomuseu Integrado de São Cristóvão	Rio de Janeiro	RJ	São Cristóvão (bairro)
1987	Ecomuseu de Itaipu	Foz do Iguaçu	PR	29 municípios
1988	Ecomuseu da Fazenda Boa Vista	Roseira Velha	SP	População de Roseira Velha e turistas
1995	Ecomuseu da Picada	Rio Grande	RS	Rio Grande
1995	Ecomuseu de Santa Cruz	Rio de Janeiro	RJ	Santa Cruz
1997	EcoMuseu Laboratório Interativo de Educação Ambiental	Chapecó	SC	Chapecó
1998	Ecomuseu Rural	Bom Jardim	RJ	Sítio Córrego de Santo Antônio (bairro)
1999	Eco-Museu da Ilha Pólvora - FURG	Rio Grande	RS	Comunidades e visitantes do Estuário Lagoa dos Patos
2001	Ecomuseu Natural do Mangue da Sabiaguaba	Fortaleza	CE	Sabiaguaba (bairro)

2002	Ecomuseu do Seringal Vila Paraíso	Manaus	AM	Manaus
2003	Ecomuseu UNIVALI	Porto Belo	SC	Comunidades Litorâneas
2004 (?)	Ecomuseu do Carste	Matozinhos	MG	Região do Carste
2005	Ecomuseu Comunitário Graciliano é uma Graça	Maceió	AL	Comunidade do Graciliano e adjacências
2005	Ecomuseu da Serra de Ouro Preto	Ouro Preto	MG	Comunidades dos Morros da Queimada (sítio arqueológico), de Santana, de São João, de São Sebastião e da Piedade
2006	Ecomuseu Casa da Cultura Miguel Reale	São Bento do Sapucaí	SP	São Bento do Sapucaí
2006	Ecomuseu dos Caminhamentos do Sertão	Sobradinho	DF	Sobradinho
2006	Ecomuseu de Maranguape	Maranguape	CE	Comunidade rural de Cachoeira (distrito)
2006	Ecomuseu dos Sítio do Físico	São Luís	MA	Coroadinho (bairro)
2007	Ecomuseu da Amazônia	Belém	PA	13 comunidades rurais (a autora cita o nome de cada comunidade em sua publicação)
2007	Ecomuseu de Manguinhos	Rio de Janeiro	RJ	Complexo de Manguinhos (bairro)
2007	Ecomuseu Dr. Agobar Fagundes	Blumenau	SC	Região da Mina da Prata
2007	Ecomuseu Ilha Grande	Angra dos Reis	RJ	População de Ilha Grande
2008	Ecomuseu da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima	Divino	MG	Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima

2008	Ecomuseu da Lagoa dos Patos (Ecomuseu da Colônia Z3)	Pelotas	RS	Colônia de Pescadores Z3
2008	Ecosumeu de Osasco	Osasco	SP	Jardim das Flores (bairro)
2008	Ecomuseu da Cultura do Vinho	Bento Gonçalves	RS	Bento Gonçalves
2009	Ecomuseu do Mangue	Curuçá	PA	09 comunidades (a autora as descreve em sua publicação)
2009	Ecomuseu Nega Vilma	Rio de Janeiro	RJ	Morro Santa Marta - Botafogo (bairro)
2009	Ecomuseu do Sertão Carioca	Rio de Janeiro	RJ	Maçico da Pedra Branca
2010	Ecomuseu de Sepetiba	Rio de Janeiro	RJ	Sepetiba (bairro)
2012	Ecomuseu Amigos do Rio Joana	Rio de Janeiro	RJ	Comunidades do Morro do Andaraí
2013	Ecomuseu do Cipó	Jaboticatubas	MG	Comunidades do entorno da Fazenda do Cipó (Serra do Cipó)
2013 (?)	Ecomuseu do Valério	Cachoeiras de Macacu	RJ	Comunidade do bairro do Valério e visitantes
2014	Eco Museu Kaá-Atlântica	Rio de Janeiro	RJ	Senador Camará (bairro)
2014	Ecomuseu Pedra Fundamental de Brasília	Sobradinho, Planaltina, Paranoá e Itapoã	DF	População, escolas, instituições públicas e privadas e associações de moradores das quatro cidades
2014	Ecomuseu Dr. José Humberto	Rio de Janeiro	RJ	Sítio Paraíso Verde

2014	Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne	Abadiânia, Águas Lindas, Alexânia, Corumbá de Goiás, Cocalzinho, Pirenópolis, Santo Antônio do Descoberto	GO	Comunidade, movimentos sociais, projetos, instituições da sociedade civil e governamentais
2014 - 2015	Ecomuseu Campos de São José	São José dos Campos	SP	Comunidade de Campos de São José (bairro)
2015	Ecomuseu de Pacoti	Pacoti	CE	Serra do Batiruté
2015	Ecomuseu de Mangaratiba	Mangaratiba	RJ	Mangaratiba
2015 (?)	Ecomuseu Mata do Índio	Delfinópolis	MG	Grupos escolares de Delfinópolis e moradores no geral
2016	Ecomuseu Serra do Rio Rastro	Lauro Muller	SC	População de Lauro Muller e turistas
s/d	Ecomuseu Municipal de Cachoeira das Emas	Pirassununga	SP	Pirassununga
s/d	Ecomuseu da Praia do Hermenegildo	Santa Vitória do Palmar	RS	Santa Vitória do Palmar
s/d	Ecomuseu Paranhana	Três Coroas	RS	Vale do Paranhana
s/d	Ecomuseu Itatiaia	Itatiaia	RJ	Itatiaia
s/d	Ecomuseu da Comunidade de Colônia do Paiol	Bias Fortes	MG	Comunidade Quilombola da Colônia do Paiol

Quadro 01: Ecomuseus brasileiros por ano de criação. Fonte: Santos (2017).

Após a análise do quadro dos ecomuseus brasileiros, confirma-se a variedade de composições possíveis como: uma comunidade inteira, conjuntos de comunidades, áreas específicas unidas em torno de suas particularidades ou toda uma região, constituindo museus vivos sob a lógica de que “o meio ambiente seria determinado por uma compenetração da ecologia natural e da ecologia humana, que poderiam até mesmo se confundir” (BURLON, 2015, p. 280). Para muito além das coleções, a memória coletiva local é a sua principal

representação. Os objetos expostos no Ecomuseu apresentam as experiências do que foi vivido e construído pelos moradores, as pessoas que o habitam, em especial. Assim, como expressou Burlon (2015): antes de uma coleção, de um prédio, e de uma vontade de museu, há um território. A partir da etnografia do espaço delimitado se desenvolve um Ecomuseu.

A etnografia, também conhecida como observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outros, desenvolveu-se no final do século XIX e início do século XX (Mattos, 2011), como método a partir do qual se pesquisa um povo em seu meio. A etnografia é principalmente utilizada pela antropologia e preocupa--se com uma análise holística da cultura, como um todo e para todos. E, também observando os significantes, em torno dos quais as pessoas tecem significados e seus contextos, como eventos, fatos, ações, percepções e interpretações, construindo, assim, as particularidades culturais que, mesmo no âmbito regional, não deixam de serem singulares (MATTOS, 2011).

Nesse sentido, o foco do Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG é o próprio povo caatingueiro, seu ambiente natural - a Caatinga - sua história, memórias, narrativas e aspirações presentes e futuras para si e para o meio em que vivem. Assim, o quadro a seguir, mostra as vivências cotidianas regionais, características da região:



Quadro 02 - Moradora de Brejo dos Mártires produzindo alimento típico da região, o beiju; trecho da Serra do Espinhaço em Monte Azul e imagem do fruto da árvore popularmente conhecida como Chichá, que ocorre em Brejo dos Mártires. Fonte: Arquivo pessoal.

O campo de saber antropológico contribui, nesse contexto, no sentido de ‘ler’ as relações pessoas/natureza, identificando significantes, significados, símbolos, formas de expressão e produtos dessas relações que constituem a identidade, memória e pertencimento, assim compondo questões fundamentais para que as próprias comunidades sejam as interlocutoras do que é significativo para si e possam, assim, construir o próprio acervo, o inventário desse patrimônio histórico-cultural.

Assim, o Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG busca preservar o patrimônio histórico-cultural local e regional, compreendido em um escopo ampliado apresentado no conceito de Ecomuseu. Portanto, é a comunidade que aponta, registra, cataloga, expõe e divulga a abrangência do próprio patrimônio. Logo, para não perder o elo com a história do Norte de Minas e dos povos caatingueiros, Gameleiras contou com o entusiasmo do professor Zaurindo Baleeiro para resgatar e perpetuar as vivências dos saberes tradicionais e também do passado para que esse legado não se perca no mundo atual. A cultura presente no carro de boi, o pilão, o arado, o engenho, as casas de roda, o tear manual, dentre outros instrumentos e ferramentas de trabalho, foram de suma importância para a vida cotidiana das pessoas e o desenvolvimento da economia, sendo representados na memória dos moradores, a partir de suas narrativas. Há também as festas religiosas, os casamentos, as brincadeiras populares, as histórias contadas durante as noites nas casas dos vizinhos, os benzimentos e os remédios caseiros presentes na sabedoria popular. Tudo isso significava alegria e diversão dos povos tradicionais da região, mesmo diante de trabalhos pesados e penosos, como na moagem da cana durante a fabricação de rapadura, nas casas de roda fabricando a farinha de mandioca, o polvilho (goma) e o beiju, e ainda, nos mutirões capinando o arroz ou realizando outras atividades agrícolas e pecuárias. Entre elas, a tradição de criar o gado solto, entre os arbustos de espinho, com os vaqueiros e sertanejos campeando com suas vestimentas de couro (gibão) no sertão, presente na caatinga. Mesmo diante de todas as dificuldades, os povos caatingueiros ainda tinham motivos para expressar alegrias, jogando versos e emboladas, gênero poético e musical realizado por uma pessoa ou em dupla em tom de desafios, muito comum no Nordeste (Baleeiro, 2006:2023).

Nesse contexto, os especialistas se apresentam como norteadores do conhecimento teórico para que a prática cotidiana de outrora e de agora seja mostrada (Rezende, 2023). Para finalizar, a presença da pesquisa etnográfica e interdisciplinar na região tende a contribuir para a ampliação do conhecimento e de novos saberes científicos no campo antropológico,

sociológico, político e historiográfico, bem como no empoderamento dos povos e comunidades tradicionais do bioma Caatinga, na defesa de seus direitos na região serrana.

Considerações finais

Apresenta-se neste texto um pouco da experiência de encontro com as vivências e aspirações dos povos caatingueiros, residentes nas encostas da Serra Geral, “nos sopés da Serra do Espinhaço” (expressão de CUNHA, 2010, P.119). Durante o curso, “Patrimônio Cultural de Gameleiras - Rotas Viáveis”, foi compartilhado o sentimento de que a trajetória de trabalho e estudos brinda a todos, aliando teorias e práticas possíveis, com encontros e experiências únicas, tais como as vivenciadas junto aos povos caatingueiros, nesse ideal de construção do Ecomuseu em Gameleiras.

No momento, o projeto do Ecomuseu se encontra em fase de estabelecimento de parcerias, conexões e captação de recursos para construção do espaço físico, que representará a sua amplitude filosófica, bem como em fase de comunicação do ideal aos municípios vizinhos, empreendida por Gameleiras, convidando-os ao envolvimento nessa proposta de fortalecimento da identidade cultural regional e ao empoderamento frente às investidas de empreendimentos cuja lógica filosófica difere do ideal apresentado pelas comunidades tradicionais.

A cultura de um povo é o seu bem mais precioso e deve ser cultivada e preservada. Dentro dessa perspectiva, há necessidade do apoio dos diversos setores da sociedade, para mobilizar e captar recursos em prol da construção do ECOMUSEU DOS POVOS CAATINGUEIROS EM GAMELEIRAS-MG. O terreno para a construção do espaço físico foi adquirido pela Prefeitura Municipal de Gameleiras, encontrando-se na fase de regularização documental e possuindo o projeto arquitetônico para a devida apresentação aos órgãos governamentais para o seu apoio. O espaço retratará a cultura e a história local, apontando as memórias, as tradições passadas de geração em geração pelos povos caatingueiros da região serrana e o desenvolvimento das atividades turísticas em consonância com as Prefeituras Municipais, Secretarias de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer, o Parque Estadual Caminho dos Gerais e o Quilombo do Gorutuba. O espaço construído permitirá que a memória cultural, como também os saberes tradicionais do povo da Caatinga, não se percam de maneira lenta e gradativa, pois encontram-se em processo de extinção. Vale ressaltar que o Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras/MG será um espaço para a divulgação, comercialização e

cursos de artesanato, visando o crescimento sustentável com o turismo promovido, promovendo, assim, o desenvolvimento econômico local e regional, para que os valores dos povos tradicionais da caatinga norte-mineira não se extingam.

A execução desse projeto é de fundamental importância na preservação da memória cultural do povo da Caatinga, pois permite que as novas gerações possam conhecer, valorizar e respeitar a diversidade dentro da mineiridade do Norte de Minas. Além de ser um ponto turístico, servirá também como fonte de pesquisa para os habitantes, visitantes e pesquisadores que buscam a interlocução científica com o bioma Caatinga.

Dentro do Ecomuseu dos Povos Caatingueiros em Gameleiras haverá um Centro de Atividades Culturais em homenagem ao professor Zaurindo Baleeiro, grande entusiasta e incentivador da história e cultura local.

Referências

BALEEIRO, Zaurindo Fernandes. **Gameleiras: dos primórdios à emancipação**. Montes Claros: Unimontes, 2006.

BRASIL. IBGE. **Mapa de Biomas e Sistema Costeiro-Marinho do Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/informacoesambientais/15&lang=pt842-biomas.html?edicao=25799>>. Acesso em: jun. 2023

BURLON, Bruno. A invenção do Ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Monteceau-les-mines e a prática da museologia experimental. **Mana** 21 (2). Ago. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/6h57ScQ68skw5dZVV6fLBxQ/?format=pdf>>. Acesso em jun. 2023.

CARRARA, Â. A. Minas e currais: produção rural e mercado interno em Minas Gerais 1674 – 1807. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2007.

COSTA, João Batista de Almeida. **Mineiros e Baianos: a configuração do englobamento, da exclusão, e do entre-lugar em Minas Gerais**. 334p. Editora Unimontes. Montes Claros/MG, 2017.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. Territorialidades sertanejas: permanências e transformações no espaço rural norte mineiro. In: COSTA, João Batista de Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (Org.). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais nos sertões roseanos**, 2010.

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. **FGV**, 2022. Por que devemos falar sobre a valorização de Comunidades e Povos Tradicionais no Brasil?, **FGV**, 2022. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/artigos/devemos-falar-sobre-valorizacao-comunidades-e-povos-tradicionais-brasil>>. Acesso em jun. 2023.



IDE SISEMA. **Infraestrutura de dados espaciais:** modelo de gestão corporativa e compartilhada dos dados, padrões e tecnologias geoespaciais de seus órgãos componentes, implementado por Comitê Gestor, composto por setores técnicos especializados da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad), Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), Instituto Estadual de Florestas (IEF) e Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam). IDE SISEMA, 2018. Disponível em: <<https://idesisema.meioambiente.mg.gov.br/webgis>>. Acesso em jun. 2023.

LOPES, Camilo Antônio Silva. **Vaqueiros, seleiros, carreiros e trançadores: uma etnografia com coisas, pessoas e signos.** 2016. 252f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Curso de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

MATTOS, Cármen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Cármen Lúcia Guimarães; CASTRO, PA. (Org). **Etnografia e educação: conceitos e usos [online].** Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. SciELO Books. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em abr. de 2023

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

REZENDE, Ana Maria Nogueira. **Patrimônio Cultural - Rotas Viáveis- Gameleiras/ MG** Palestra e Curso. Gameleiras/MG, 2023.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIVIÈRE, Georges Henri. **L'Écomusée, un modèle évolutif.** In: WASSERMAN, F. (Ed.) *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie.* v. 1 M.N.E.S., 1992, p. 440-445.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:** Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas. 2017. 768f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEBRAE. **Cartilha do Tour da Experiência** elaborado pelo Instituto Marca Brasil por solicitação do Ministério do Turismo e SEBRAE – 2010.

_____. Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas -SEBRAE. **O que é economia criativa: Conceito.** Publicação: 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/O-que-%C3%A9-Economia-Criativa>>. Acesso em: 04 ago. 2023.

SENA, Liana Mara Mendes de , SILVA, Sandino Moreira. **Conheça e Conserve a Caatinga - Volume 01 - O Bioma Caatinga.** 2011. Disponível em: <https://www.acaatinga.org.br/wpcontent/uploads/Conhe%C3%A7a_e_Conserve_a_Caatinga_-_Volume_1__O_Bioma_Caatinga.pdf> Acesso em abr. de 2023.



THE, Ana Paula Glinfskoi. NAS ÁGUAS DO RIO Saudades da vazante geral: um estudo etnoecológico sobre as mudanças socioambientais na pesca artesanal no Alto-Médio São Francisco, Minas Gerais. In: COSTA, João Batista de Almeida; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (Org.). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais nos sertões roseanos**, 2010.

ZAVATIN, Danilo Alvarenga; ALMEIDA, Roberto Baptista Pereira; RAMOS, Renato; LOMBARDI, Julio Antonio. *Chionanthus Monteazulensis* (Oleaceae), uma espécie nova do campo rupestre da Serra do Espinhaço, Brasil. **Revista Phytotaxa**, Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

Artigo submetido em: 26 de setembro de 2023.

Artigo aceito em: 27 de outubro de 2023.

Artigo publicado em 10 de novembro de 2023.